



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS- SÃO BERNARDO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS/ LÍNGUA
PORTUGUESA**

KARLENE MARIA DE ALMEIDA SOUSA

**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II:
o reconto como estratégia de ensino-aprendizagem**

São Bernardo – MA
2016

KARLENE MARIA DE ALMEIDA SOUSA

**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II:
o reconto como estratégia de ensino-aprendizagem**

Monografia apresentada ao Curso de Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção de grau de Licenciada em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Esp. Rayron Lennon Costa Sousa.

SOUSA, Karlene Maria de Almeida.

LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL 8º
ano: o reconto como estratégia de ensino-aprendizagem. -
2016.

56 f.

Orientador(a): Rayron Lennon Costa Sousa.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo, 2016.

1. Letramento. 2. Ensino Fundamental. 3. Gênero
Textual. 4. Conto. 5. Reconto. I. Sousa, Rayron Lennon
Costa. II. Título.

KARLENE MARIA DE ALMEIDA SOUSA

**LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL (8º ano): o
reconto como estratégia de ensino-aprendizagem**

Monografia apresentada ao Curso de Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção de grau de Licenciada em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Esp. Rayron Lennon Costa Sousa.

Aprovada em ____/____/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Rayron Lennon Costa Sousa (Orientador)

Especialista em LIBRAS - UNIASSELVI
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Ma. Claudia Letícia Gonçalves Moraes

Mestra em Cultura e Sociedade - UFMA
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Msc. Edmilson Moreira Rodrigues

Mestre em Políticas Públicas – UFMA
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Dedico este trabalho primeiramente a Jesus Cristo, pois Ele é meu Deus e meu Senhor. A minha mãe Maria do Amparo Freitas de Almeida a minha querida irmã Angélica Emanuela pelo o incentivo. Ao meu esposo Gustavo e minhas amadas filhas Karla Vitória e Maria Fernanda e minha sobrinha Lorena Maria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre está presente em minha vida, fortalecendo – me nos momentos mais difíceis.

A minha amiga Geovana Araújo, que esteve presente me apoiando na reta final do curso, pelo carinho, atenção e amizade que construímos.

As minhas amigas que sempre esteve ao meu lado em especial, a Adriana Oliveira, Aline Cristina., Patriciane Bezerra e Francisca conceição.

Ao Profº Rayron Lennon Costa Sousa, pela sua valiosa orientação durante a realização desta monografia, pela competência, carinho e paciência com que me ajudou a realizar esta pesquisa.

Agradeço aos meus queridos que contribuíram para a minha formação acadêmica, Ana Stela, Bergson Utta, Claudia Moraes, Cristiano, Edmilson Rodrigues, Heridan Guterres, Katia França, Marcelo Nicomedes, Maria Francisca, Maira Rocha, Maria Lourdilene, Glória, Paulo Rios, Rachel Tavares, Valnecy e Willinson.

Agradeço aos meus amigos e familiares que de uma forma ou de outra, sempre me impulsionaram em minha trajetória, tornando real todos os meus sonhos.

Sob a magia do "contar", desafiando a imaginação ao sabor das aventuras, a vida sai vencedora em seu duelo com a morte. Sherazade, a das Mil e Uma Noites, conquista o coração do rei valendo-se da arte de contar histórias.

Luzia de Maria

RESUMO

A leitura e a produção textual têm sido tema de muitas discussões entre professores e pesquisadores da área de Língua Portuguesa, que buscam estratégias de ensino significativas. Sabe-se que a leitura e a escrita são de grande importância para o desenvolvimento de alunos, e se bem trabalhadas conseguem modificar o cenário do letramento de cada indivíduo, modificando o processo de construção discursiva e do registro destes discursos. Assim, a presente pesquisa tem por objetivo analisar a produção de textos, o reconto, a partir da leitura do conto, como estratégia para a prática de leitura e escrita a partir de estratégias didáticas voltadas para o trabalho com o gênero textual literário Conto, a partir do trabalho com oficinas, na escola Instituto Educacional “Cônego Nestor de Carvalho Cunha”, em São Bernardo-MA. A metodologia pautou-se na pesquisa aplicada, com revisão bibliográfica, posteriormente a pesquisa de campo realizada com alunos do 8º ano do ensino fundamental II, tendo como corpus as produções textuais (recontos) a partir do gênero conto, a partir de oficinas de Leitura e Produção de Textos do Projeto de Língua Portuguesa do PIBID. O aporte teórico baseou-se nas discussões de Bakhtin (1992; 2003), Marcuschi (2005; 2008), Koch e Elias (2011). As análises dos recontos apresentaram resultados significativos no tocante à leitura e à produção de textos construídos a partir do conto, que tem como produto o ‘reconto’, objeto de análise desta pesquisa. Concluiu-se a partir dos resultados que o conto é um gênero textual literário significativo para a prática de leitura e produção textual, despertando a criatividade a partir da intertextualidade, ativando os conhecimentos preditivos dos envolvidos, o que corrobora para a prática do letramento.

Palavras chaves: Leitura e escrita, Gênero textual; Conto e Reconto

RESUMEN

La lectura y producción de textos han sido objeto de muchas discusiones entre profesores e investigadores de la lengua portuguesa acerca de la búsqueda de estrategias de enseñanza significativas. Se sabe que la lectura y la escritura son de gran importancia para el desarrollo de los estudiantes, y funcionaba bien y puede modificar cada escenario de alfabetización individual mediante la modificación del proceso de construcción discursiva y del registro de estos discursos. Por lo tanto, la presente investigación tiene como objetivo analizar la producción de textos, el volver a contar, desde el cuento de leer como una estrategia para practicar la lectura y la escritura de las estrategias educativas para trabajar con el género literario “cuento”, desde el trabajo con talleres en la escuela Instituto Educacional “Cônego Nestor de Carvalho Cunha” en la ciudad de San Bernardo-MA. La metodología se basa en la investigación aplicada con la revisión de la literatura, a continuación, con el estudio de campo de 8° año de la escuela primaria II, teniendo como *corpus* textuales de análisis las producciones “recuentos” partiendo del cuento en los talleres de lectura de textos y producción en Lengua Portuguesa en el Proyecto PIBID. El enfoque teórico se basó en la discusión de Bakhtin (1992; 2003), de Marcuschi (2005; 2008), de Koch y Elias (2011), entre otros. Los análisis de los recuentos mostraron resultados significativos a respecto a la producción de la lectura y el texto construido a partir de la historia, cuyo producto fue los 'recuentos', analizado en esta investigación. Se concluyó a partir de los resultados que el cuento es un género literario significativo para practicar la lectura y la producción textual, despertando así la creatividad de la intertextualidad, lo que permite el conocimiento predictivo de los involucrados, lo que confirma la práctica de la alfabetización.

Palabras clave: Lectura e escritura .Género Textual. Cuento. Recuento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONTEXTUALIZANDO A ESCRITA: vamos ler o que a história tem a contar.....	13
3 O TEXTO EM SALA DE AULA: a produção de sentido.....	19
3.1 A leitura e a escrita: duas ferramentas fundamentais para o exercício das práticas sociais.....	23
4 GÊNEROS TEXTUAIS.....	25
4.1 Contar e Recontar.....	29
4.2 Relato de experiências.....	32
5 O QUE DIZEM OS RECONTOS: aspectos metodológicos.....	33
6 DESCRIÇÃO DAS OFICINAS.....	34
6.1 Discussão e Análise dos dados.....	36
6.1.1 Produção I – Thaynara.....	37
6.1.2 Produção II – Nina.....	38
6.1.3 Produção III – Ubirajara.....	39
6.1.4 Produção IV – Iracema.....	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS.....	50
Texto 1 Thaynara.....	51
Texto 2 Nina.....	54
Texto 3 Ubirajara.....	55
Texto 3 Ubirajara reescrita.....	58
Texto 4 Iracema.....	59

1 INTRODUÇÃO

Pensar em intervenções significa desenvolver boas estratégias que possam modificar o ambiente escolar, e principalmente acabar com a antipatia que muitos jovens têm acerca dos estudos. É notório que muitos deles não veem mais a escola como alternativa ou meio para mudar a realidade que vive, e sim como algo ruim, cansativo, no qual passam boa parte do dia fazendo atividades mecanizadas.

A desmitificação desse olhar pode ocorrer em sala de aula, logo é o ambiente mais propício para se discutir e esclarecer vários assuntos, além disso, a escola reúne pessoas com cultura, valores, etnia e conhecimento diferente que precisam saber os valores da Educação. No entanto, para que haja mudança é necessário que os professores também passem por esse processo de mudança, adotando outras estratégias para mudar a rotina escolar, possibilitando que os alunos adquiram hábito da leitura não só dentro da escola como também exterior a ela.

A leitura é um importante hábito que nos capacita com ideias, conhecimento e argumentos, às vezes não é preciso viajar para conhecer, pois os livros nos levam a lugares distantes e há tempos passados. Logo, tudo que ouvimos, lemos e aprendemos utilizamos no nosso discurso, sem a leitura a escrita não existiria. Sendo assim, é impossível trabalhar uma dissociada da outra, para escrever temos que ler, seja signos, pinturas rupestres ou letras. Então, com o desenvolvimento da escrita e a mudança nos modos de falar de cada sociedade surgiu também a necessidade de reorganizar o que falamos espontaneamente, materializando em forma de texto ou gênero os diversos discursos proferidos na esfera da comunicação, isto é, para cada ambiente seja familiar, escolar, no trabalho ou com amigos utilizamos um gênero textual específico para interagirmos.

Sem eles segundo Bakhtin e Marcuschi não haveria comunicação na sociedade. É por essa razão, que o estudo dos gêneros textuais é relevante em sala de aula, porque possibilita que o aprendiz se aproprie de sua característica, organização, função e, sobretudo que o aluno aprenda a dominá-los, pois quando dominamos um gênero textual não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em uma dada situação. (Marcuschi, 2008). Dessa forma, esta pesquisa pretende refletir sobre as ações realizadas pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no decorrer das oficinas modificaram as práticas de leitura e escrita dos alunos do 8º ano, logo trabalhamos com gênero fantasioso, o conto, uma das mais

antigas narrativas, segundo as palavras de Magalhães Junior (1972), que encanta tanto crianças como adultos. Essas histórias são povoadas com fadas, príncipes e princesas, bruxas, magos, madrastas, duendes e animais que voam e falam, e o mais encantador é que tratam de uma linguagem simbólica, isto é, de problemas reais que podem ser trabalhados em sala para ajudar os alunos a enfrentar suas dificuldades.

Dessa maneira, nosso foco foi trabalhar com o reconto, uma reconstrução do conto já existente, essa estratégia se distancia um pouco das atividades de produção escrita proposta em sala de aula, porque demanda mais tempo para ser desenvolvida, enquanto outras atividades gramaticais por demandar menos tempo têm mais preferências. Por essa razão, é que cresce a antipatia de muitos alunos pela leitura e principalmente pela escrita. Segundo Santos (2003), recontar é criar seu próprio cenário a partir do lido chamou atenção no texto base, assim o aluno terá menos dificuldades e mais criatividade, pois fará apenas algumas mudanças.

Esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa, tem como *corpus* de análises dos recontos dos alunos do 8º ano. Os procedimentos metodológicos consistem no levantamento bibliográfico do tema em questão, seleção dos recontos; análise da produção de sentido presente na superfície textual dos recontos. Este trabalho está fundamentado principalmente em teóricos como: Bakhtin (2003), Marcuschi (2008), Koch & Elias (2011), Santos (2003), e Silva (2005). Esta pesquisa possui a seguinte organização:

O capítulo 2 apresenta uma abordagem sobre a história da escrita, e apresentamos os conceitos teóricos postulados por Bakhtin (1992) acerca do signo linguístico (língua), ou seja, a forma como o homem processa o mundo a sua volta e, sobretudo a necessidade de criar um sistema de signos que fosse capaz de registrar seus pensamentos e sua história, e com Barbosa(2003), a evolução da escrita, na qual descrevemos as principais fases da escrita, e a necessidade do homem pré-histórico em desenvolver a linguagem, seja ela oral, escrita ou visual.

O capítulo 3 é uma abordagem sobre os sentidos do texto com as autoras Koch e Elias, na qual aborda a importância da interação leitor/texto/autor para construir os sentidos do texto, destacando que as inferências, antecipações e hipóteses são estratégias fundamentais nesse processo, além disso, dá ênfase a coerência textual como princípio de interpretabilidade importante na construção de sentido.

O capítulo 4 é uma abordagem sobre os gêneros textuais com base nos estudos de Bakhtin (2003), Marcuschi (2008), Dols e Shneuwly (2004) e os documentos oficiais que norteiam a Educação Brasileira – Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, no qual discutem que apropriação dos gêneros textuais é um fator indispensável para participar das diversas situações comunicativas, logo mostram como a sociedade funciona e se organiza em termos de linguagem, além disso, destacam que os gêneros textuais são os autênticos objetos de ensino do ambiente escolar, capaz de tornar a aprendizagem mais significativa para o aprendiz.

O capítulo 5 apresenta a metodologia que norteia todo o trabalho, no qual apresentamos o tipo de pesquisa adotado, passo a passo do desenvolvimento das oficinas realizadas com os alunos do 8º ano da escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha, e por fim o foco central desta pesquisa, os 04 (quatro) recontos selecionados para as análises, esses recontos são as provas concretas de que o subprojeto “QUEM ESCREVE UM CONTO ENCANTA E PRONTO”: o reconto como estratégia para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental Maior, foi importante para despertar nos alunos o gosto pela da leitura e reescrita de recontos. Por fim, as considerações finais, que é uma apreciação de todo processo da investigação, isto é, neste último capítulo mostramos que as práticas docentes desenvolvidas no âmbito do subprojeto PIBID, modificaram a rotina escolar dos alunos e, sobretudo reaproximaram os alunos das práticas de leitura/ produção escrita de forma lúdica e criativa.

2 CONTEXTUALIZANDO A ESCRITA: vamos ler o que a história tem a contar

A história da escrita advém dos tempos mais remotos, mais precisamente do período paleolítico, em que o homem pré-histórico, conhecido como homem das cavernas, já registrava seu cotidiano nas paredes das cavernas a partir de pinturas rupestres¹, com registro de existência há cerca de 3.000 anos a.C., no final do período paleolítico, marco essencial para esta atividade (a escrita) passassem a integralizar o cotidiano das sociedades na busca de registrar os feitos e, conseqüentemente, construir uma história que hoje temos contado e a reconhecemos.

A escrita partiu da necessidade que o homem primitivo sentia de registrar nas cavernas suas lutas com animais ferozes, suas estratégias para contar animais, e todo o seu cotidiano. Era o momento em que ele despertava a linguagem sistematizada e organizada a fim, posteriormente, de decodificar os signos linguísticos registrados ali, naquelas paredes. É partindo da necessidade do homem se expressar ou contar sua própria história que o marco da escrita e leitura ganha forças e dão um pontapé no que se entende por construção ou evolução da escrita. Nesse sentido Barbosa (2013) discorre que:

O homem, através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação. (BARBOSA, 2013, p.34)

A discussão acerca do homem e dos signos que o cerca é bastante intrigante, pois podemos perceber o signo como elemento linguístico constituído de sentido, segundo Bakhtin (1992) quando afirmam que “os signos carregam um poder simbólico pelo qual o homem processa o mundo à sua volta”. É por meio dele (signo) que ele se significa enquanto ser comunicativo.

A exemplo temos, a seguir uma pintura rupestre desenhada com o objetivo, e com uma perspectiva comunicativa a partir da imagem, gerando uma produção de sentido por meio da Semiótica². A leitura não verbal possibilita uma compreensão mais imediatista do que se propõe mostrar, quais especificidades são mais visíveis e quais os padrões estéticos que a compõe.

¹ A arte rupestre é compreendida como o amplo conjunto de desenhos pinturas e inscrições realizadas pelo homem histórico.

² Semiótica é o estudo dos signos enquanto imagens dotadas de sentidos.



Fonte: Pintura rupestre³

Essa pintura nos mostra perfeitamente que o homem paleolítico gostava de registrar seu dia-a-dia nas paredes, contar histórias a seus descendentes e sem perceber informar a seus futuros ancestrais que a comunicação já estava presente entre eles, logo tinha todo um cuidado em desenhar sua bravura, seus instrumentos de luta, suas caças, e o trabalho em grupo. Esse tipo de sinais ou desenhos tornou-se mais estilizados e assumiram aspectos característicos de pregos, cunhas, recebendo a denominação de “cuneiforme”. A escrita cuneiforme foi adotada por outros povos, como os persas, os assírios e os babilônios (hoje, Iraque). Observe abaixo como era grossa a escrita cuneiforme.



Fonte: Pinturas rupestres

³Pintura Rupestre. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=imagem+das+pinturas+rupestres>> Acesso em 14 de dezembro 2015.

Esse tipo de escrita foi desenvolvido porque os homens da pré- história tinham dificuldade de trabalhar com argila seca, desse modo, desenhavam traços grossos para tornar os símbolos mais expressivo. Desde então, a escrita começou a evoluir e a ganhar outras formas. Observe abaixo a escrita da fase ideográfica.

Fase ideográfica



Fonte: Escrita Ideográfica da Mesopotâmia.⁴

Na fase ideográfica a escrita é conhecida por utilizar signos, desenhos especiais conhecidos como ideogramas. Ao longo do tempo os desenhos evoluíram, perdendo alguns dos traços mais representativos das figuras e, por isso, tornaram-se simples convenções de escrita. Observe agora a escrita egípcia.

⁴ Escrita Ideográfica da Mesopotâmia. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25247>. Acessado em 19/04/2016.

Escrita Egípcia



Fonte: Escrita Egípcia. ⁵

A escrita egípcia é uma das mais importantes escritas ideográficas da que se tem conhecimento. Os hieróglifos foram desenvolvidos com cunho religioso no período greco-romano, visto que seu uso era basicamente para decorar as paredes do templo, túmulos e edifícios. Essa figura já nos mostra uma escrita mais lapidada e com símbolos novos. Então, por meio dessa volta ao passado pudemos ver que a escrita passou por um processo de mudanças, uma evolução causada pela massa, ou seja, pela necessidade de sua reprodutibilidade técnica, como pôde ser observado nas imagens anteriormente discutidas.

Já segundo Geraldi (1997: 41), A língua é um sistema organizado dos sinais (signos) que serve como meio de comunicação entre os indivíduos. Pela imensa diversidade de aplicação, a língua se configura em um sistema de signos específico, históricos e social, que permite ao homem significar o mundo e sociedade. A linguagem, seja ela oral, escrita ou visual constitui-se no único sistema capaz de expressar as intensões de seu usuário e só é possível sua constituição através da interação, vista como base fundamental para a produção de qualquer tipo de enunciação.

Podemos ratificar que é a partir da necessidade comunicativa que surge uma sistematização de língua, o que acarreta no processo de compreensão do mundo e de suas relações. Entendo o homem com ser que recebe as informações linguísticas, processa-as e gera significados, é por meio deste processo, como já fora descrito por Geraldi (1997), que o homem paleolítico sentiu a necessidade de criar uma língua, pois uma linguagem já teria despertado, havia ali a necessidade de um sistema de signos que fosse capaz de registrar seus pensamentos e sua história.

⁵ Escrita Egípcia. Disponível em: <http://www.todamateria.com.br/civilizacao-egipcia/>. Acesso em: 19/04/2016.

Para compreendermos os processos históricos da escrita e, conseqüentemente, da leitura, far-se-á necessário apontar algumas concepções sobre língua e linguagem. A linguagem é compreendida como uma expressão dos diferentes vínculos determinados historicamente em nível sociocultural. Ela caracteriza-se por sua ação social. Todavia, não se pode separar a linguagem de seu conteúdo ideológico ou vivencial, já que ela se constitui pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é um diálogo (no sentido amplo do termo, englobando as produções escritas).

O sentido do enunciado se dá através de uma compreensão ativa entre os sujeitos, ou seja, é o efeito da interação dos interlocutores. Para Bakhtin (1997), todo enunciado tem um destinatário, entendido como a segunda pessoa do diálogo. A atividade mental do ser humano e a sua sentença aparente se estabelecem a partir do coletivo, para tanto, toda asserção é socialmente guiada. É na fluidez da interação verbal que a palavra se modifica e ganha diferentes acepção, de acordo com o contexto em que aparece. A categoria básica da concepção de linguagem em Bakhtin é a interação verbal, cuja realidade fundamental é o seu caráter dialógico. Nas palavras de Koch (1992), a concepção de linguagem como forma (lugar) de ação ou interação:

(...) é aquela que encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação inter-individual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir das semelhantes reações e ou comportamentos. (KOCH;1992, p.9).

Um diálogo pertinente de Koch (1992) com Bakhtin (1997) discorre que a linguagem se faz pela interação comunicativa mediada pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação e em um contexto sócio histórico e ideológico, sendo que os interlocutores são sujeitos que ocupam lugares sociais.

Assim, podemos conceituar a escrita com uma forma legítima de autoria do discurso⁶, que, além de registrar a fala, apresenta ideias, conceitos, concepções de mundo e de vida que traduzem as representações que os sujeitos fazem seu cotidiano. Embora a leitura e a escrita sejam processos diferenciados estão interligados e ocorrem simultaneamente, ou seja, o homem pensa/fala, produção de sentido, e, conseqüentemente, registra, através da escrita, este pensamento.

⁶ Entendemos, neste texto, Discurso como fala.

Nos dias atuais a escrita ainda vem sofrendo diversos processos evolutivos para que esteja atualizada e unificada para todos os falantes da comunidade linguística pertencente. Em nosso caso, falantes de Língua Portuguesa, em 2009, o Brasil e outros seis países - Cabo Verde, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Portugal - assinaram um novo acordo ortográfico com o objetivo de unificar a língua portuguesa e a grafia nos países lusófonos. A partir de 2016, o uso da nova ortografia seria obrigatório. Com o novo acordo, algumas letras passaram a fazer parte do nosso alfabeto: K, W e Y. "Essas letras eram chamadas de 'pseudoletas'. Hoje, o alfabeto português, em vez de 23 letras, são 26, com a inclusão delas".

A escrita é na verdade a segunda forma em que os seres humanos utilizam para suprir suas necessidades. Antes mesmo de servir para interagir com os sujeitos, com a função de comunicação, a escrita foi criada para registrar maior quantidade de informações, isto é, a partir da criação da escrita, a memória humana não tinha mais a responsabilidade única de guardar fatos importantes.

Para tanto através da escrita foi possível atravessar barreiras do tempo e preservar informações sobre o modo de vida de povos que viveram a milhares de anos. O uso da escrita não tem um valor apenas como registro da história humana, vai muito além, permitindo uma troca de informações entre povos. No capítulo a seguir veremos o texto na sala de aula e de como se dá a produção de sentido através da produção textual.

3 O TEXTO EM SALA DE AULA: a produção de sentido

O texto é lugar onde acontecem os diálogos mais interessantes, com leitores e escritores da mesma época ou de épocas distintas. Ele nos permite conhecer as concepções do outro, é um registro que aumenta os conhecimentos e enriquece o discurso dos falantes, por isso, que Koch e Elias (2011), esclarecem que para construir os sentidos do texto e aumentam seus conhecimentos, o leitor torna-se um estrategista, logo as informações do texto não estão explícitas, e o processo de compreensão requer mais que o conhecimento linguístico compartilhado entre os interlocutores. Nesse sentido Bakhtin (1997), ratifica que:

[...] a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica [...] A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica

está para outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra (BAKHTIN;1977,p. 131- 132).

Ou seja, para Bakhtin (1997), toda vez que lemos um texto ativamos automaticamente nosso conhecimento de mundo e fazemos várias inferências, algumas antecipações que nos ajudam a compreendê-lo melhor, essas estratégias permitem identificar “lugar social, vivências, relação com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais”. (KOCH;ELIAS,2011,p. 19). Assim, podemos travar diálogos com o autor, eliminando as dificuldades de compreensão.

O texto é um produto⁷ muito relevante para sala de aula, pois além de propiciar ao aprendiz diálogos com autores de épocas distintas, ele também contribui para melhorar a leitura e a produção escrita. No entanto, como ele deve ser trabalhado para que o aprendiz compreenda os seus sentidos? Koch e Elias (2011) esclarecem que, “os sentidos de um texto são construídos na interação textos-sujeitos”, isto é, no momento em que o aluno escolhe um texto, adota algumas estratégias de leitura. Para as autoras a leitura é uma atividade carregada de significações, pois ela pode realiza-se com base nos elementos presente na superfície textual ou por trás dessa superfície o não dito.

No entanto, para que o aprendiz chegue a essa fase de amadurecimento⁸ como coloca Geraldi (2012), seu relacionamento com os textos já devem ser o mais próximo possível, ou seja, já deve ter lido um repertório de gêneros tais como jornais, contos, poemas, etc., e compreendido que ler não é decifrar códigos e sim interpretar o que está por trás das entrelinhas.

Nas palavras de Koch e Elias (2011), é possível compreender mais claramente o que é a leitura e como acontece a produção de sentido já que:

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.(...)A leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.(KOCH & ELIAS;2011,p.11)

⁷Koch e Elias concebem o texto como um produto porque é a representação mental do autor, nada mais cabendo ao leitor senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel passivo.

⁸ Leitor maduro é aquele que construiu ao longo da intimidade com muitos e muitos livros.

De acordo com Koch e Elias (2011) o sentido do texto não está na superfície textual, mas ele é construído por meio das sinalizações dadas pelo autor e pelo conhecimento de mundo do leitor. Acerca desse conhecimento de mundo o que sabemos é que não podemos considerá-lo sem valor, logo é um conjunto de experiências, aprendizados que cada leitor carrega durante sua vida, e são ativados toda vez que o aprendiz se depara com um texto, sendo também “a condição fundamental para o estabelecimento da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade e qualidade” (KOCH & ELIAS, 2011, p. 19).

Assim sendo, como cada pessoa possui um conhecimento de mundo diferente do outro é possível também que um mesmo texto ao ser lido não tenha o mesmo sentido, ele terá uma pluralidade de sentido, pois depende da leitura de cada pessoa e de seu grau de conhecimento. Dessa maneira, ao fazer uma releitura de um mesmo conto os alunos poderão desenvolver suas histórias de maneiras distintas, obedecendo também alguns fatores que sinalizam, ou seja, orientam o leitor na compreensão de sentido, por exemplo, o contexto chamado por Koch e Elias (2011) de Iceberg⁹, isto é, ao produzir um texto o escritor deve deixar explícito apenas o essencial, palavras chaves, para que leitor leia e interprete utilizando seus conhecimentos armazenados na construção de sentido.

A releitura ou o reconto é uma estratégia muito utilizada no processo de ensino-aprendizagem de produções escritas e muito importante porque ajuda a desmitificar o medo de muitos alunos por redação¹⁰. Ao recontar uma narrativa o leitor-escritor poderá adotar várias estratégias que facilitaram sua produção, como intertextualidade¹¹, princípio de economia¹², entre outros.

A coerência é outro fator que também contribui na produção de sentido, pois de acordo com Koch e Elias (2011), todo texto oral e escrito que temos contato recebem uma avaliação, ou seja, manifestamos espontaneamente se compreendemos ou não compreendermos, isso acontece porque estamos sempre produzindo sentidos ao que lermos,

⁹Uma pequena parte do texto encontra-se explícita na superfície textual, enquanto a outra parte está subjacente ou implícita (KOCH & ELIAS, 2011).

¹⁰ O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. No início do ano, o título infalível “Minhas férias”; em maio, “O dia das mães”; em junho, o “São João”, entre outros. Tais temas, além de insípidos, são repetidos todos os anos, de tal modo que uma criança do sétimo ano passa a pensar que só se escreve sobre essas coisas. (GERALDI, 2012, p.64)

¹¹ É a condição mesma da existência de textos, já que há sempre o já-dito, prévio a todo dizer. Segundo J. Kristeva criadora do termo, todo texto é um mosaico de citações, de outros dizeres que o antecederam e lhe deram origem. (KOCH & ELIAS, 2011, p. 86)

¹² (...) balanceamento do que necessita ser explicitado textualmente e do que pode permanecer implícito, supondo que o interlocutor poderá recuperar essa informação por meio de inferências. (KOCH & ELIAS, 2011, p.71)

“recorrendo aos conhecimentos sócios cognitivos- internacionalmente constituídos”. (Koch & Elias, 2011, p.184).

Para as autoras a coerência não está explícita no texto, ela é construída por meio da interação com o autor e o texto, nele “há elementos que permitem ao leitor calcular o sentido e estabelecer a coerência. É claro que, nesse processo, merecem destaque os conhecimentos do leitor, (de língua, do mundo, do texto, da situação comunicativa)” . (KOCH & ELIAS, 2011, p.192). Por isso, que as aulas de Língua Portuguesa devem contemplar o texto como objeto de ensino, pois é somente nesse espaço que os alunos irão discutir e compreender a importância das estratégias citadas por Koch e Elias para interação texto/autor.

3.1 A LEITURA E A ESCRITA: duas ferramentas fundamentais para o exercício das práticas sociais.

A escrita é um elemento muito relevante no processo de produção, por isso que tem que ser exercitada com uma determinada frequência, pois o aluno só aprende a escrever, escrevendo. É o que o Evangelista (1998) defende:

Para que o aluno aprenda a escrever é necessário que ele, de fato, escreva e que as situações de escritas sejam constantes e variadas. Quanto mais o aluno escreve, quanto mais analisa o próprio texto, quanto mais ele produz textos para atingir diferentes objetivos em diferentes situações, mais pode ampliar as suas habilidades de produtor de textos escritos. (EVANGELISTA, 1998, p.119)

Fortalecer essa habilidade é imprescindível para um aluno escritor, uma vez que a escrita servirá de ponte entre aquele que o produz pra o que lê. Quanto maior afinidade com a escrita maior será seu leque de habilidades, logo será capaz de reproduzir e analisar em diferentes contextos sua produção. Sendo assim escrita se torna para o aluno um estímulo tornando – o motivado a escrever seus próprios textos literários. Esses conhecimentos são importantes porque o aluno se torna mais compreensivo e aberto ao mundo que o rodeia. Para Maria Lajolo (1993):

“Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido do texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significados, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, entregar-se a

leitura, ou rebela-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO,1993, p.59):

Ou seja, o ato de ler não se resume só em decodificar letras, mais sim em entender e interpretar e compreender o que está implícita no texto. Para que um aluno se torne um bom leitor é necessário que ele descubra o sentido de um texto e se envolva na leitura fazendo suas inferências, inserindo seu ponto de vista.

É notório que ao propormos uma nova leitura, estaremos propondo novas escritas ou ressignificando as existentes, o que vem constituir o processo de produção e compreensão de discursos e de registros. Ler e reler, contar e recontar são formas de ressignificações, de reescritas, de construções em torno dos discursos produzidos e socializados dialogicamente. Para compreendermos o processo de releitura é importante salientarmos que este é um processo pelo qual damos uma nova interpretação para o objeto analisado/estudado, ou seja, é um novo olhar para a mesma escrita, por exemplo.

Sabemos que a formação de um leitor crítico é resultado do exercício constante em leitura dos diversos gêneros textuais, e esta criticidade vai se refletir na escrita com opinião, e principalmente na construção da leitura de mundo. Segundo as palavras do educador Paulo Freire "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra" (1996, p. 11), todavia, a leitura da palavra não se limita ou se conclui na decodificação dos grafemas, mas se articula à vivência e aos saberes do mundo e da sociedade, elementos que conferem sentidos e significação às palavras. Segundo MORAIS (1996):

A leitura é indiscutivelmente um problema da sociedade. O desenvolvimento econômico é condicionado pela possibilidade que todos os homens e mulheres ativos (e não apenas certas camadas sociais) tem de tratar a informação escrita de uma maneira eficaz.(MORAIS; 1996,p.19)

A leitura de mundo e das palavras é imprescindível para a apropriação do conhecimento e aprimoramento das relações sociais baseadas na cooperação e aceitação da diversidade. Desenvolver o gosto pela leitura é um processo que deve ser estimulado e incentivado em todos os espaços da sociedade, principalmente no ambiente escolar, propiciando a vivência de um mundo mais justo, democrático e cooperativo. A leitura assim como a escrita possibilita ao aluno uma efetiva participação social.

A leitura é um elemento primordial para que o aluno possa alcançar as competências de uma vida de qualidade, sem ela o aluno ficará incapacitado de realizar uma

pesquisa, um resumo dar sua opinião sobre o que leu, então para que o aluno tenha melhor êxito para alcançar uma educação transformadora ele certamente precisará ter abito da leitura. Pois é através dos gêneros textuais segundo Frantz (2001) assumem no cenário educacional uma função singular que combina informações e emoções numa atividade interativa que estimula o leitor. O aluno precisa se sentir motivado a ler e as narrativas como o conto facilitam a aproximação com o mundo letrado, levando a fazer leituras críticas e desse ponto de partida ele refazer o seu próprio texto. Neste sentido, Silva relata que:

A leitura dos contos pode estimular o aluno leitor a encontrar, na leitura, uma forma lúdica de entender melhor sua própria realidade. Ao ler narrativas curtas que exijam uma resposta mais rápidas e dinâmicas do receptor, o aluno pode se sentir mais atraído pelo texto (SILVA,2015,p.93)

Os contos se tornam uma leitura atraente pelo fato de ser uma narrativa dinâmica onde o receptor no ato da leitura se encontra, ela relaciona com o seu cotidiano e tomando para ele se torna possível dar seu parecer. A leitura literária permite ao aluno possibilidade de uma melhor compreensão e redefinir com suas palavras o se quer dizer sobre o que a leitura feita. Ou seja, ele será capaz de assumir sua postura no mundo através de suas indagações que lhe permitirá entrar em outros mundos vivenciando a leitura. Citando Rildo Cosson:

A prática de leitura, seja ala pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da e escrita, que não tem paralelo em outras atividade humana. Por essa exploração o dizer o mundo (re) construído pela força da palavra, que é a literatura revela –se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita em outras palavras, é no exercício da leitura e escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que sendo minha, é também dos outros .(COSSON, 2006, p.16)

Para Cosson (2006) é possível fazer o reconhecimento das contradições de uma sociedade através da leitura de um texto literário, pois através dele reconheceremos a linguagem e os fatos recorrentes de uma época. A leitura e a escrita, juntas, nos possibilita construir, modificar e compreender nosso próprio mundo, sem essas duas ferramentas voltaremos ao começo de tudo, isto é, ao homem pré-histórico, com medo da luz, se escondendo dentro das cavernas. Por meio da leitura adentramos em outros mundos,

descobrimos coisas novas e aumentamos nossa criatividade. Já a escrita nos permite deixar também registrado nossa história, para que outros leitores a conheçam.

A sociedade atualmente caracteriza-se pela busca de informação do conhecimento. Esta por sua vez, tem na leitura e escrita instrumentos valiosos á vindicação de uma cidadania.

Contudo essas ferramentas é muito mais que dominar técnicas, elas nos ajudam a identificar a reconhecer e elaborar nossa própria opinião contribuindo para dar sentido ao que falamos ou pensamos. A leitura e a escrita baseiam – se em aprendizagens permanentes, pois à medida que se alteram as necessidades de comunicação, a linguagem também sofrerá mudanças para atender as novas exigências.

4 GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais vêm sendo estuda dos com maior força nos últimos anos com o advento da ciência da linguagem, dentro da área da linguística textual, têm sido visados por suas importâncias tanto para funcionamento da língua, como também para o uso cotidiano nos processos sócio comunicativos, englobando uma nova discrição da língua sobre a sociedade. Marcurschi (2008) os considera como entidades comunicativas, que possibilitam o sujeito tal interação com seu contexto, pois cada gênero tem um proposito comunicativo, todos por sua vez têm uma forma e uma função. Quando dominamos um gênero textual não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em uma dada situação. Por essa razão é que devemos nos apropriar deles, logo são “mecanismo fundamental de socialização, de inserção praticas nas atividades comunicativas humanas.” (BRONCKART,1999, p. 103).

A sociedade é formada por vários ambientes sociais, em cada um desses ambientes são exigidos por parte do falante uma postura comunicativa, um domínio desse gênero discursivo para que haja interação, diálogos entre os locutores, por isso que Marcuschi (2008) os classifica como entidade comunicativa, muito relevante para a evolução e organização da sociedade, pois, como é sabido todos eles são dinâmicos e com o passar dos tempos se modificam, outros desaparecem e outros permanecem se adaptando ao contexto social.

Neste sentido Bakhtin (2000), afirma que os gêneros estão impregnados no nosso dia-a-dia, sendo quase que impossível enumerá-los. Eles são produtos da sociedade, isto é, é

produzido durante a interação comunicativa, no entanto isso não quer dizer que apenas um gênero é suficiente para todas as interações, cada ambiente exige o domínio de um gênero diferente, exemplo, em uma Conferência Educacional temos presente um grupo de pessoas que se distingue, pela maneira de falar, cultura, modos de caminhar, conhecimentos, etc., porém todos devem se comunicar de acordo com a situação comunicativa, logo é um evento mais formal e ficaria inadequado se orador inicia-se com uma piada ou um advinha. Nós falantes temos que nos policiar, ou seja, analisar o meio social e escolher o gênero adequada para tal situação.

De acordo com Bakhtin (2006), são eles que mostram como a sociedade se organiza, em termo de linguagem, aspectos e atividades discursivas. Por isso, que atualmente muitos estudos estão voltados para essa área de conhecimento, devido a sua grande contribuição no ensino- aprendizagem da língua. Além disso, permitem aos falantes participar das diversas esferas sociais se comunicando, criticando e dando alguma contribuição. Se eles não existissem segundo o autor a comunicação seria impossível, isso porque “sua apreensão tem efeitos sociais e ideológicos, que ajudam os alunos a se socializarem com a estrutura e o sistema de valor na sociedade”, logo são consideradas “as correias de transmissão” que permitem conhecer a história da sociedade e da linguagem.

E é nesta perspectiva que Dolz e Shneuwly (2004, p.66), concebem os gêneros como “autênticos produtos sociais da escola”, ou seja, a escola é um lugar apropriado para o desenvolvimento da leitura e escrita e a utilização de textos. É no âmbito escolar que os gêneros são utilizados como meio de ligação entre os saberes e os objetos de ensino.

Em razão dessa inversão, o gênero instrumento de comunicação transforma – se em forma de expressão do pensamento, da experiência ou da percepção. O fato de que o gênero continuar a ser uma forma particular de comunicação entre alunos e professores não é, absolutamente, tematizado; os gêneros tratados são, então, considerados desprovidos de qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p.76).

Por esta razão, que a escola é um lugar de interação e comunicação, que estabelecem novos paradigmas para o uso dos gêneros textuais. A escola enquanto instituição de ensino deve favorecer aos alunos situações reais vivenciadas fora do ambiente escolar. Neste sentido essas situações estarão fazendo sentido a eles, promovendo assim uma apropriação real de suas funções.

É por tamanha importância, que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) propõem que no ensino de língua portuguesa estejam presentes os gêneros textuais, de maneira que:

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p.23, 24).

Tomando a perspectiva apontada pelos PCN's, faz-se necessário que os estudos dos gêneros textuais devem ser apresentados de diferentes formas, para que o aluno possa identificar e diferenciar os tipos de gêneros que lhe estão sendo trabalhado. Por tanto quando um aluno escutar ou lê "Era uma vez", deve aprender que esta história terá um final feliz, e quem tem uma série de outras características relacionadas com o gênero "contos tradicionais". Quando ele se deparar com uma lenda, a palavra lenda já deve sinalizar que se trata de um texto que geralmente envolve seres humanos e apresenta uma explicação de caráter sobrenatural para um determinado fenômeno ou acontecimento. No caso da fábula, deve prever que terá animais como personagens, diálogos entre eles e uma conclusão ou moral. Ou mesmo a notícia ele tem que ter ciência que estará tratando de um acontecimento e se dando detalhes sobre como, onde e quando ocorreu. Enfim, para poder escrever o aluno precisa ter consciência de que os textos possuem.

Uma audiência, por exemplo, requer do leitor um propósito, com características próprias do gênero, que consiga atingir seu evento deflagrador. Além disso, a leitura de textos deve levar o aluno a ter clareza do que está lendo. Os alunos devem compreender que seus enunciados são textos que se materializam dentro de algum gênero. Conhecer e identificar essas características ajuda o aluno a compreender o texto que lê, e conseqüentemente deve ajudar o aluno a organizar o texto que ele vai escrever. Partindo do pressuposto que toda produção deve ser precedida de leitura e discussão, pois ninguém consegue produzir um texto partindo do nada, isto é, sem conhecimentos prévios sobre os assuntos. Neste sentido trabalhar com o gênero conto no ambiente escolar propiciara ao aluno um aguçamento de seus conhecimentos e fortificara suas habilidades da leitura e escrita.

Levando em conta o exposto acima, temos o gênero textual reconto bastante utilizado nas escolas com o intuito de incentivar os alunos a ter o gosto pela leitura e a escrita de uma forma mais diversificada e dinâmica, é o que falaremos no capítulo a seguir.

4.1 Contar e recontar

O conto é uma arte que se mantém viva na memória dos contadores de histórias, esses contadores passavam boa parte de seu tempo para a contação ao grupo de espectadores que ficavam maravilhados com a interpretação dos contadores, que guardavam na memória contos que eram transmitidos por outras gerações. E devido a esse processo de transmissão ficou inviável determinar uma data, um período porque os contos estão sempre contados de alguém para alguém não permitindo a exatidão das datas.

Segundo Magalhães Júnior (1972) o conto é considerado a mais antiga narrativa da literatura de ficção, existindo desde os tempos remotos entre os povos não marcados pela tradição escrita. Então é uma história conhecida pela criança, pelo adolescente que se desenvolveram ouvindo o contar prazeroso de aventuras, causos e histórias de princesas com um final feliz. O trabalho com o conto em sala aguça a imaginação e a fantasia, permitindo que o jovem leitor, ao voltar à realidade, tem sua visão de mundo ampliada pela experiência que o livro em si proporcionou e essa ilusão trazida com a ficção pode ajudá-lo a organizar seu mundo real.

Os contos de fadas encantam tanto crianças como adultos, e o despertar desse fascínio ocorre porque essas histórias são povoadas com fadas, príncipes e princesas, bruxas, magos, madrastas, duendes e animais que voam e falam. Segundo Silva (2009), “esses contos tratam em linguagem simbólica, de problemas humanos universais e da necessidade de enfrentar a vida por si só”, ou seja, essas narrativas retratam problemas reais, e ajuda o aluno-leitor a encarar serenamente suas dificuldades.

Para Mesquita (2008, p.01), “esses contos tratam em linguagem simbólica, de problemas humanos universais e da necessidade de enfrentar a vida por si só. Nesse sentido, ajudam o adolescente a ultrapassar as suas dificuldades e a crescer mais serenamente, dando um sentido à vida”. Oliveira (2001) acredita que os primeiros contos de fadas tiveram origem céltica, século II a.C., mas que não se constituíam como simples forma de entretenimento infantil como é atualmente, uma vez que tratavam da essência da condição humana, e

funcionavam como “espelhos que ocultavam e mostravam profundamente os problemas existenciais, resolvidos por intervenção do elemento mágico”.

Para tanto, faz-se necessário discutir e refletir acerca desse elemento mágico criado nesses contos tradicionais, e nos contos contemporâneo para compreender também a configuração adquirida. Assim sendo, consideramos relevante trabalhar essas estórias em sala de aula porque possibilita ao aprendiz se apropriar dessas narrativas e recontar do seu modo a sua estória. Pois contar e recontar propicia o desenvolvimento da oralidade, da escrita, além disso, são atividades fáceis de serem desenvolvidas, pois, partilham o fato de serem narrativas curtas cuja história se reproduz a partir de um motivo principal e transmite conhecimento e valores culturais.

O reconto por sua vez é uma reconstrução oral e escrita de um texto já existente. A principal meta do reconto é a imitação de um texto original. Tal procedimento implica recontar parecido como o autor original. A capacidade de recontar é influenciada pelas experiências das pessoas que tem contato com livros. Santos (2003) acredita que o recontar como reedificação de um texto já existente, seja na modalidade escrita ou oral de um texto base, de acordo com as capacidades linguísticas do sujeito. Ele pressupõe que o ato de recontar a partir de um texto base, o aluno terá um contato direto com o texto que contribuirá para que ele se familiarize com as diferentes linguagens. Além do mais ele estará ampliando o seu vocabulário.

O contato com a linguagem escrita também desenvolve a criatividade de inventarem e está realizando a reconstrução de um conto. Recontar possibilita que os alunos desenvolvam uma estrutura de linguagem intensa e sofisticada do que a usada no seu cotidiano, aprimorando tanto a linguagem oral e escrito. Santos (2003) sugere que o ato de recontar possa ocorrer, através das opiniões, seu ponto de vista sobre o que leu e posterior a isso ele possa está fazendo suas próprias produções. Assim introduzindo suas falas, suas opiniões, com o objetivo de levar para reconstrução dos fatos de acordo com sua compreensão.

É muito importante o papel da reconstrução do discurso do discente por meio da leitura e textos escritos, pois possibilita o aguçar do pensamento retomando assim sua reescrita com base no seu cognitivo.

O recontar detém inúmeros benefícios além do reconhecimento dos personagens, o enredo enfim sua estrutura já internalizada na sua leitura ele terá a oportunidade de recriar

seu próprio cenário dando mais atenção ao que lhe chamou mais atenção, aprimorando seus conhecimentos linguísticos. O contar de novo nos proporciona uma forma mais dinâmica de nos inserimos por meio dos contos uma linguagem literária.

Jovens provisoriamente transformadas em animais. Moças que, para se livrar de um feitiço, são obrigadas a fantasiar-se de homens e enfrentar os complexos, deságios ocasionados por seus disfarces. Espelhos falantes entre outros instrumentos mágicos, heróis que enfrentam a morte e, por vezes, são capazes de ludibriá-la. Mortos agradecidos surgidos do nada para salvar heróis que, no passado, havia ajudado e enterrá-lo e por aí a fora. (AZEVEDO, 2012, p.7).

As histórias recontadas emocionam os narradores e os ouvintes, a linguagem direta nos leva a uma melhor compreensão das narrativas. Ao pensarmos nesse processo de contar de outro ponto de vista, nos remete a narrativas populares tradicionais contadas e recontadas, através dos contadores de histórias que transmitiram e renovaram suas narrativas. O autor acima supracitado nos faz refletir sobre os contadores quando fala:

Com a lenda extensão, irreversível ao que tudo indica, dos contadores populares, que note – se, trabalhavam a partir da memória e da recriação regulada por meio de paradigmas tradicionais, resta aos artistas contemporâneos, interessados nos contos populares, adotar como ponto de partida e referencia , o vasto acervo representado pela pesquisa bibliográfica , ou seja , a garimpagem de obras escritas que andaram por ai gravando ,anotando e transcrevendo , em livros as narrativas que escutavam diretamente da boca dos contadores tradicionais (AZEVEDO,2012, p. 11,12)

De acordo com o texto supracitado o reconto limita-se da modalidade escrita com base nas histórias nascidas na oralidade. A atividade do reconto aparece como instrumento de interação ao texto literário. Uma pratica que pode ser desenvolvida a partir dos contos. Esse ato torna-se um momento para aguçar o estímulo e de incentivo a leitura e escrita auxiliando no pensar, refletir e construir seu texto. No Brasil o primeiro escritor a produzir esse tipo de história foi Monteiro lobato¹³ (1882-1949), esse escritor se espelhava nos clássicos europeus para produzir os recontos brasileiros. Para Lajolo (1998), Monteiro Lobato soube com maestria aproveitar a proposta de atualizar personagens, cenários, temas, ideias, além de ressaltar o universo imaginário que considerava imprescindível, ele teve a liberdade de mexer na história original com um olhar crítico.

¹³ Escritor brasileiro de livros infantis, entre as obras O Sítio do Pica-pau amarelo.

A importância do conto e reconto se faz significativo porque, não só possibilita o acesso à literatura, como também o aluno se propicia de versões e estilos diversificados, ensejando o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla, aguçando seu cognitivo para que ele possa se aceder numa viagem recontada e imaginada por ele. Tornando-o assim um leitor e um escritor proficiente.

4.2 Relato de experiência

Ao ingressar no Curso Interdisciplinar em Linguagens e Código/ Língua Portuguesa¹⁴ tinha guardado comigo ainda algumas dúvidas sobre a carreira docente, a sala de aulas e os relatos dos problemas de sala de aula que sempre ouvi de professores. No entanto, com o passar dos meses fui sendo despertada e comecei a gostar e a buscar mais desafios. Foi então que conheci o Subprojeto PIBID¹⁵, um projeto que me ajudou a compreender melhor o ambiente escolar, por meio das experiências em sala de aula antes do estágio obrigatório. Essa experiência foi muito rica e gratificante pois além de ter me ajudado a decidir sobre o meu futuro campo de atuação, ela também me fez refletir sobre a importância de um profissional comprometido que trabalhe para ajudar a mudar a realidade da Educação Básica do Município de São Bernardo.

O que mais me orgulha em falar desse projeto é fato de ter adquirido durante esse 04 (quatro), muito conhecimento, experiência e sobretudo a oportunidade de mostrar a outras Universidades o trabalho que é desenvolvido nas escolas de São Bernardo. O SUBPROJETO: “QUEM ESCREVE UM CONTO ENCANTA E PRONTO”: o reconto como estratégia para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental Maior, ante ser desenvolvido na escola alvo, ele passou por um processo de amadurecimento dentro do campus da UFMA, isto é, houve várias reuniões com os coordenadores, nelas ficamos cientes dos objetivos e funcionamento do PIBID para os bolsistas, os direitos e deveres dos participantes do programa pibid, já em outros momentos houve a discussão de artigos, Leitura e escrita, entre os bolsistas, coordenadores e docentes de cada escola.

Tudo isso foi importante e nos levou a refletir que as teorias estudadas na academia nunca devem estar dissociadas da prática, pois somente com as duas juntas é que poderemos desenvolver um bom trabalho em sala de aula.

¹⁴ Curso Interdisciplinar criado para atender o déficit regional de professores para o ensino fundamental, contemplado a partir do plano de reestruturação das universidades públicas (REUNI).

¹⁵ Subprojeto de Leitura e Escrita – Língua Portuguesa/PIBID-Linguagens e Códigos.

Quanto as oficinas o que tenho a dizer é que contribuíram positivamente no aprendizado dos alunos, principalmente em relação a leitura e a escrita que foram o foco principal da nossa pesquisa. Aprenderam de forma lúdica importância que essas duas ferramentas tem na vida do cidadão. Nesse sentido as perspectivas que temos são as mais favoráveis possíveis, pois as atividades realizadas promoveram entre os alunos, professores e pibitanos grandes trocas de conhecimento. Diante disso, concluímos dizendo que, o que ficou foi a saudade dos colegas, e muita experiência, conhecimento guardados esperando a hora certa para aparecer.

5 O QUE NOS DIZEM OS RECONTOS: aspectos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa aplicada que utilizará uma metodologia de caráter qualitativo, buscando a superação das possíveis contradições epistemológicas entre o paradigma quantitativo para a compreensão mais profunda dos fenômenos humanos (SANTOS FILHO, 2001). Para tanto, **os métodos teóricos** serão essenciais para o desenvolvimento da pesquisa.

Para viabilizá-la, inicialmente será realizada uma **pesquisa bibliográfica** sobre autores que fundamentem os pressupostos dos Gêneros Textuais, em específico os literários, quais sejam: Conto e Reconto, no que tange às produções textuais “recontos” construídos a partir das oficinas de leitura e produção do gênero Conto. Esse estudo bibliográfico será essencial para o respaldo crítico-comparativo, literário e científico à pesquisa. Em termos gerais, são consideradas pesquisas teóricas aquelas que têm por finalidade o conhecer ou aprofundar conhecimentos e discussões (BARROS e LEHFELD, 2000, p. 78). Assim compreendemos que a pesquisa bibliográfica consistirá na compreensão ou proporção em um espaço para discussão de um tema ou uma questão intrigante da realidade. (TACHIZAWA e MENDES, 2006).

A pesquisa teve como corpus de análise as produções textuais dos alunos do ensino fundamental II, no âmbito das ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, na escola Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha.

O **método** utilizado para a análise das produções textuais será o **Construcionista**, considerado o mais apropriado para a abordagem pretendida, uma vez que representa ou

descreve a realidade tal como ela é, independentemente das vias de acesso às mesmas e considera tanto o sujeito como o objeto do conhecimento como construções sociais e históricas. As considerações que serão apresentadas terão como centro as categorias Produção de gêneros textuais literários: Conto e Reconto, categorias identificadas nas produções textuais dos sujeitos pesquisados, constituindo o *corpus* literário da pesquisa.

Terminada essa etapa, foi feita a correlação das análises com os referenciais teóricos na elaboração dos capítulos explicativos, corroborando com os pressupostos teóricos, bem como a possibilidade de produção de artigos e ensaios para a publicação em revistas especializadas e apresentação em Seminários e Congressos com temáticas relacionadas à pesquisa.

Por fim, foi feita a correlação dos dados com os referenciais teóricos para a elaboração o registro dos resultados finais da pesquisa, a monografia propriamente dita. Esperamos conseguir colaborar para as discussões acerca das questões relacionadas aos Gêneros Textuais Literários no âmbito das aulas de Língua Portuguesa, assim como da importância do conto para a construção e preservação da memória literária dos alunos que permeiam os espaços do Ensino Fundamental.

6 DESCRIÇÕES DAS OFICINAS

“O subprojeto: QUEM ESCREVE UM CONTO ENCANTA E PRONTO”: o reconto como estratégia para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental Maior, foi desenvolvido na escola Cônego Nestor de Carvalho, localizada no centro da cidade, é a maior escola do município, funcionando nos três turnos, matutino, vespertino e noturno, recebendo tanto os alunos da zona urbana quanto os da rural. Esta instituição faz parte das escolas participantes do PIBID desde as primeiras intervenções, logo foi escolhida porque recebe um grande número de alunos e, sobretudo por sofrer muito evasão e apresentar um número muito alto de alunos que não gostam de ler e escrever.

Por essa razão, é que desenvolvemos o subprojeto por meio de oficinas, para que assim pudéssemos acompanhar passo-a-passo as dificuldades e os avanços dos alunos, e por fim alcançar resultados mais satisfatórios. O objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre o uso do reconto como estratégia para o aperfeiçoamento da leitura/escrita a partir das práticas docentes desenvolvidas no âmbito do subprojeto PIBID.

Em acordo com o objetivo geral, o presente trabalho foi orientado pelos seguintes objetivos:

- a) Analisar a produção de sentido presente na superfície textual dos recontos produzidos por alunos 8º ano da escola Cônego Nestor.
- b) Identificar as escolhas lexicais feitas pelos alunos
- c) Verificar a organização textual da narrativa

Seguindo estes objetivos as oficinas foram desenvolvidas durante o mês de maio/junho, duas vezes por semana na turma do 8º ano B. Nos primeiros dias houve a apresentação do gênero a ser trabalhado, suas características, falamos sobre seu contexto, as principais intenções que os autores gostariam de transmitir e os recontos desses contos tradicionais existente atualmente. Os alunos já conheciam o gênero conto, no entanto ainda não tinham ouvido falar dos recontos. Então, ao citar um conto bastante conhecido por eles “Chapeuzinho vermelho”, solicitamos que eles falassem sobre sua história, destacassem os principais personagens e como terminava esse conto. Nesse momento alguns deles interagiram conosco, socializando tudo que conheciam, foi então, que perguntamos: Por que todos os contos de fadas terminam com um final feliz? Houve um silêncio na sala, mas ai um respondeu: Por que sim. Esse momento foi oportuno para voltamos ao tempo e contamos um pouco acerca dos primeiros contos de fadas (Irmãos Grimm), seus objetivos e como terminam. Os alunos ficaram mais atentos e falaram que conheciam outros contos, tais como: Cinderela, Branca de neve, Rapunzel, entre outros.

Foi então que percebemos que o reconto não é um gênero desconhecido por eles, pois de acordo com alguns relatos eles já assistiram Branca de Neve e os caçadores, Chapeuzinho amarelo, Enrolados só que não sabem diferenciam suas características. Muitas vezes, o que está acontecendo é o atropelamento desse gênero por outras narrativas consideradas mais importantes ou não é muito trabalhado nos livros didáticos passando despecebido ano após ano. Na segunda semana levamos pra sala de aula dois filmes: Chapeuzinho vermelho (considerado o clássico) e A menina do capuz vermelho (reconto). Após assistir esses filmes abrimos espaço para saber o que eles mais gostaram o que mudou e o que permaneceu, quais as semelhanças e as diferenças entre os dois, etc., foram momentos riquíssimos, pois toda turma interagiu.

Na terceira semana reforçamos mais a cerca da feitura do texto, isto é, os elementos da narrativa como o enredo, personagens tempo, espaço, ambiente e narrador e o objetivo desse subprojeto, que é:

- Aproximar os discentes da leitura;
- Produzir recontos.

Após, essa esplanção mostramos vários contos para deleite. Na quarta semana iniciamos as atividades de produção escrita, e como se tratava de uma turma de 40 (quarenta) alunos, achamos cabível que eles se dividissem em grupo, escolhesse um conto, mas que todos deveriam produzir seu próprio reconto.

Muitos alunos mostraram resistência durante a atividade, dizendo que não sabiam fazer, outros que não gostavam, mas com algumas conversas e explicações eles foram se envolvendo. A produção inicial levou alguns dias para ser finalizada. Quando todos terminaram pegamos todos recontos e iniciamos outra etapa, agora era só entre os professores do suprojeto. Nesta etapa fizemos a leitura dos recontos e colocamos algumas observações.

Ao retornar pra sala de aula levamos as produções com as observações para que os alunos reescrevessem e analisassem alguns pontos interessante que deixaram passar ou que colocaram muito bem. Esse processo de escrita é muito importante, pois segundo Evagelista (1997), “quanto mais o aluno escrever mais se apropria do sistema de escrita”. Ou seja, escrever e reescrever são uma atividade que possibilita ao aluno mais habilidade e domínio na produção escrita.

Dessa forma, no próximo subcapítulo apresentaremos as análises das produções de 04 (quatro) alunos participantes da pesquisa. Esse número de amostras selecionadas permite contemplar o nosso objeto de investigação.

6.1 Discussão e Análise dos Dados

A fim de refletir sobre o uso do reconto como estratégia para o aperfeiçoamento da leitura/escrita a partir das práticas docentes desenvolvidas no âmbito do subprojeto PIBID, na escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha, realizamos a análise e discussão dos textos produzidos pelas crianças, com base em suas produções textuais, nos textos por elas produzidos, confrontando tais produções com teorias voltadas para a área do reconto.

A fim de se preservar os autores optamos por identificar cada uma das crianças com nomes indígenas. Assim, a partir das produções analisadas, usamos os seguintes nomes: Thaynara, Nina, Ubirajara e a Iracema. Todos os nomes indígenas serão apresentados com seus respectivos significados.

6.1.1 Produção I -Thaynara¹⁶

A Bela adormecida

Há muitos anos atrás, avia um reino muito lindo que tinha um rei e uma rainha que todos os dias diziam “Ah, se nós tivéssemos duas crianças!!! e nunca conseguiram uma. Ai aconteceu !!! que uma vez em que eles estavam sentados na Beira da praia, uma fada madrinha chegou e disse “ vocês terem duas filhas gêmeas” A rainha emocionada falou “ meu rei vamos fazer essas gêmeas agora e por causa uma noite de amor. Nasceu duas lindas meninas uma se chamava cristal e a outra se chamava abundancia , cristal era uma menina muito linda porem seu único defeito e que ela dormia muito , abundancia era uma menina metida que tinha muita inveja de sua irma . ela achava que cristal era mais linda e desejava por todos do reino .

Um certo dia seu pai resolveu fazer uma festa em omenagem a suas filha “acho que vou fazer uma linda , festa em omenagem a minhas lindas filhas ”a festa foi celebrada com toda a pompa, o cozinheiro que tinha um cachorro em que a rainha amava disse “rainha que pena , que so temos 09 tasas de ouro ”e a rainha disse mais são 10 Bruxas na hora da festa todos as Bruxas compareseram menos uma que não foi convidada por que só tinha 09 tassar de ouro .na hora que as Bruxas foram entregar os presentes para as princesas Algo acontece a Bruxa malevola entrou imediatamente na festa e falou “As duas princesas iram dormir durante 100 anos ao terminar de falar as bruxas se juntaram para tentar diminuir os anos mais não conseguiram , Assim que a festa acabou e todos foram embora cristal e sua irmã e todos do reino adormeceram e dormiram um sono profundo .

A princesa e o rei os cavalos no estabolu , os cachorros no patio , as pombas no telhado as moscas nas paredes e ate os sapos que gritavam grugrugru adormeciam foi se espalhando pelo pais , pois assim era chamada a princesa , de modo que de tempos em tempos chegavam principes , que tentavam tão entre lacados como se tivessem na mão , e os jovens ficava, presos , sofrendo uma morte tastimavel .

Mas ao chegar aos 100 anos um príncipe chegou ao muro e disse “o que sera que tem atras desse muro de espinhos.

O príncipe arriscou sua vida e conseguiu pular o muro .ao pular as arvores se abriram formando um caminho ate o castelo ao entrar no castelo o príncipe percebeu que toda a corte estava dormindo a milhares de ano e para tudo voltar ao normal o príncipe teria e matar a bruxa malevola que acabou morrendo .

¹⁶ Significa: “estrela”, “perfeita”, “iluminada”...

Assim o reino inteiro voltou ao normal o rei e a rainha se acordaram os cavalos nos estabulos e as princesas também o príncipe se casou com as duas princesas

E viveram felizes para sempre. (Fonte: Texto produzido por escolar, ano 2015)

Apontaremos no quadro abaixo as personagens escolhidas na produção de Thaynara.

Bela adormecida (clássico)

Bela adormecida (reconto)

Rei/ rainha/ princesa/ príncipe	Duas princesas gêmeas/ príncipe
Fada, maldição	09 bruxas, malévola
Final feliz	A morte da bruxa
	Um final feliz

Fonte: Pesquisa direta, 2015.

O quadro acima nos mostra que Thaynara apresentou algumas dificuldades ao produzir seu reconto, começou sem alterar o título do texto, que permaneceu o mesmo, surgiram alguns fatores de incoerência que prejudicaram o sentido do texto, para Koch & Elias (2011) “a incoerência é a impossibilidade de o leitor estabelecer unidades entre os elementos do texto”, ou seja, a falta de produzir sentidos que se concatenam com outros e formam/formariam a unidade semântica. No início do reconto a mesma aluna começa citando o rei, a rainha e a fada madrinha que realiza o desejo dos dois de ter um filho. Em seguida, começa recontar, ou seja, a criar outra estória falando das irmãs gêmeas e suas características. No capítulo seguinte a aluna começa a se contradizer, ou seja, há perder um pouco o fio condutor da estória, no início fala de fada madrinha, já no capítulo seguinte fala das bruxas. “Para que seja coerente um texto deve apresentar o princípio de “não contradição”, ou seja, para que um texto seja sintaticamente coerente, não deve conter contradição de qualquer conteúdo, posto ou pressuposto” (KOCH & ELIAS, 2011, p. 196). Encontramos além das questões supracitadas anteriormente, outra contradição no final do texto, quando o príncipe casa-se com as duas gêmeas. Ao mesmo tempo, que pensamos no viés poligâmico da estória, relacionamentos que a aluna quisesse inserir um fato que se torna natural no dia-a-dia e é reproduzido em grande escala pelas mídias, além de saber que existem religiões que permitem esse tipo de relação.

Quanto aos aspectos positivos a análise nos permitiu encontrar a intertextualidade, quando Thaynara recorre ao reconto da ‘Malévola’. Para Koch & Elias “a intertextualidade é um princípio que permite o produtor dialogar com outros textos”, foi então que percebemos que ela utilizou seus conhecimentos de mundo, ousando travar um diálogo com esse reconto, pois mesmo com algumas contradições soube recontar a sua maneira outro ponto positivo é que Thaynara conhece a estrutura de uma narrativa em prosa, pois seu texto foi todo organizado em parágrafos, além disso, tem alguns erros de ortografia o que não é o suficiente para que seu texto perca o sentido.

Todo o conhecimento que aluna já possui só precisa ser lapidado, pois ela se utiliza todo o seu conhecimento de mundo para produzir o seu reconto.

6.1.2 Produção II - Nina¹⁷

O sapo e a princesa
 Era uma vez uma princesa que gostava muito de brincar no jardim.
 Houve um dia que ela ouviu um barulho estranho nas plantas curiosa foi lá verificar.
 Quando ela ver era um sapo
 E deu um beijo no sapo. Ela disse você é lindo!
 em seguida ele virou um lindo príncipe
 O príncipe ficou ainda mais apaixonado pela princesa e perguntou
 ___ Você aceita casar comigo
 a princesa respondeu que sim, os dois foram no castelo do príncipe onde foram felizes para sempre. (Fonte: Texto produzido por escolar, 2015)

O quadro abaixo mostra os personagens encontrados na produção da aluna Nina.

A princesa e o sapo (clássico)

O sapo e a princesa (reconto)

Rei/ princesa/ príncipe	Princesa/ príncipe/
Castelo/ sapo/ criados	Sapo/ castelo/jardim

Fonte: Pesquisa direta, 2015.

Ao analisar o reconto da Nina percebemos certa resistência em desenvolver a produção textual que a impossibilitou de desenvolver mais suas ideias, logo ao invés de criar uma narrativa mais criativa, ele utilizou o “princípio de economia” citado por Koch & Elias

¹⁷ Significa: “menina”, “protetora da fertilidade e mares”, “fogo”...

(2011). Percebemos que alguns elementos da narrativa foram extintos, tais como: o enredo e o conflito, fatores que mais chamam atenção no momento da leitura e na produção de textos é o que mais dão ênfase. Além desses, o desfecho foi rápido, não oportunizando a descrição para que se construísse todo um cenário acerca do reconto. Para Silva (2005) são esses elementos que incrementam o reconto, deixando mais interessante, emocionante e atraente, prendendo a atenção do leitor do início ao fim. A simplicidade do reconto de Nina mostra que ela não utilizou seu conhecimento de mundo, não fez uso da intertextualidade, tudo está muito curto e explícito demais, logo um texto assim não levará o leitor a fazer inferências, a dialogar com outro texto, o que acaba excluindo a possibilidade da criação literária pensando na prática do recontar.

Partindo os pressupostos teóricos de Koch & Elias (2011) acerca da tríade interação autor-texto-leitor, “se o autor não deixa pista para leitor o seu texto se torna sem atração”. Para as autoras ao iniciar uma produção o produtor deve sempre pensar no outro, seu interlocutor, a fim de travar um diálogo, pois a leitura e a produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimento da língua (estruturais) e das coisas do mundo (literariedade), ou seja, “lugares sociais”, crenças, valores e vivências” (KOCH & ELIAS, 2011, p. 21), é por esse motivo que todo escritor não pode ao escrever um texto desconsiderar a importância do seu interlocutor.

Quanto aos fatores de coesão e coerência as análises mostraram que o texto de Nina está coerente, o autor não foge do fio condutor, porém não acrescenta e nem desenvolve ideias e ações novas. Além disso, o texto apresenta também marcas coesivas próprias dos contos tradicionais, como o uso do enunciado ‘Era uma vez’, ‘houve um dia’, e ‘foram felizes para sempre’, os quais possibilitam interpretar que o respectivo aluno tem conhecimento literário. Outro ponto positivo é a estrutura da narrativa que assim como Thaynara, Nina também tem conhecimento da organização de uma narrativa em prosa, pois também organizou seu texto em parágrafos. Existem problemas de ortografia o que não compromete o entendimento do reconto.

6.1.3 Produção III - Ubirajara¹⁸

O gato do tênis da nike

Um roseiro que tinha três filhos chamou-lhes para repartir seus bens a beira da morte.

Seu primeiro bem deu ao primogênito o moinho.

¹⁸ Significa: “senhor da lança” ou “senhor da vara”

Ao segundo deu um burro e a Aton um gato

Aton ficou muito triste por ter resebido um gato mas o gato lhe disse Aton mim compre um tênis da nike e uma jaula,

E eu lhes provarei que sou mais util que um moinho e um burro .

E Aton pensou e desidiu compra um teniz da nike e uma jaula para o seu gato e calçou o tenis da nike e botou a jaula no ombro e foi para uma fasinda e lá havia muitas galinha e o gato abriu a jaula e meteu uma porção de milho e foi se esconde e as galinha pela cor do milho e da fome foram para a jaula e o gato pegol as galinha e levou a Aton dizendo lhe senhor o nobre Jorge de Jarbas mandou que lhe entregasse estas galinhas será um prato delicioso e aton disse que bom gosto muito de galinha mas o meu cozinheiro não consegue nunca apanha nenhuma galinha mande a jorge de jarba os meus sinceros agradecimentos no dia seguinte o gatinho apanhou duas perdisis e levou dai como presente de jorge de jarba o rei ficou tão contente que mandou logo preparar a sua carruagem e acompanhado pela princesa paula sua filha e foi para casa do nobre súdito que o gato logo foi ter com amo

- vem já comigo que te vou indicar um luga no rio onde poderá tomar um bom banho o gato conduziu a um ponto por onde devia passar a carruagem real disse lhe que escondesse a roupa debaixo de uma pedra e fosse para a água acabava o moço de desaparecer no rio quando chegaram o rei e a princesa.

- socorro , socorro !- gritou o bichano

- que aconteceu perguntou o rei

- os ladrões roubaram a roupa do nobre jorge de Jarbas

- disse o gato – meu amo esta dentro da agua e sentira caimbra

O rei mandou imediatamente os servos ao palacio voltaram dai a pouco com um magnificovestuario jeito para o proprio rei quando jovem o dono do gato vestiu e ficou tão bonito que a princesa assim que ele viu ele se encantol o rei também ficou muito encantado o rei disse eu também era assim tímido no meu tempo de moçoentretanto o gatinho meteu no cozinha e mandou preparar o melhor almoço almoço ponha na mesa os melhores vinhos na dega e quando o rei e a princesa o amo estavam na sala de janta e se sentaram a mesa toda estava pronto depois do almoço o rei voltou – se para o rapaz e disse jovem é tão tímido como eu era nos meus tempos de moço mas percebo que gosta muito da princesa paula assim com , ela gosta de você por que não pedicem casamento então o jovim pediu a mão da princesa paula em casamento foi um grande celebração.

O gato assistiu a celebração calcando um novo par de teniz da nike com cordões de ouro e prociosos diamantes

E dai em diante, passaram a viver muito felizes e o gato as vezes ainda metia a correr atrás dos ratos era apenas divertimentos porque absolutamente não mais precisava de ratas para matar a fome. (Fonte: Texto produzido por escolar, 2015)

O quadro abaixo mostra os personagens encontrados na produção de Ubirajara.

O GATO DE BOTAS O GATO DO TÊNIS DA NIKE

REI/ PRINCESA	REI/ PRINCESA
TRÊS FILHOS	TRÊS FILHOS
GATO	GATO
PALÁCIO; SERVOS;	PALÁCIO; SERVOS;

Fonte: Pesquisa direta, 2015.

Como se pode observar Ubirajara não criou um reconto, apenas descreve o conto original. Inicialmente, o título sofreu uma modificação. Segundo Koch & Elias (2011), “o título é um tópico importante, porque é por meio dele que o leitor inicia suas estratégias de leitura fazendo antecipações, levantando hipóteses, entre outros”. Ao lermos o título do texto de Ubirajara fizemos várias inferências, como por exemplo: o que o gato gostava de dançar? Se o gato tinha muitos tênis ou se vendia sapatos. No entanto, como as autoras discorrem toda inferência pode ser confirmada ou negada, e nesse caso específico foi negada, já que não aconteceu a escrita do reconto, mas a reprodução do conto. Por um lado, isso apresenta um viés negativo, pois o aluno não se atenuou aos objetivos da atividade proposta, por outro lado foi positivo porque quem reescreveu este conto foi um aluno que sempre se ausentou das atividades, e esta reprodução idêntica do conto mostrou que o aluno se percebeu naquele contexto e buscou interagir, mesmo que o resultado obtido se distanciasse do esperado, no entanto na pesquisa de campo os resultados variam, não podemos definir uma probabilidade, quantificar, uma vez que se analisa o texto, a materialização da língua, em suas extensões linguísticas e metaliterárias, o que ratifica o viés positivo das ações do PIBID.

Quanto às inferências citadas anteriormente, ao voltarmos para sala de aula com os recontos lidos, com observações, abrimos uma discussão com ele, apontando as análises, assim como outras perguntas, além de perguntar que outras sugestões ele poderia nos dá para o reconto ficar legal, no fim dessa conversa ele resolveu adotar algumas delas e criar seu reconto. Observe abaixo:

O gato de tênis da nike

Era uma ves um gatinho muito pobre que andava sempre descauso, um dia ele encontrou uma bota peta ficou muito feliz, só que não queria para usa e sim para fica olhando. Um dia ele teve uma ideia de fazer outra bota, mais não conseguiu e ficou mais triste ainda.

No outo dia ele achou uma lâmpada mágica e fez um pedido ao genio eu queria uma loja cheia de todo tipo de sapato o geniorelizou o pedido.

Quando entrou na loja gostou muito do tênis da nike esse dia nunca mais tirou o tênis das patas. O gatinho ficou muito rico vendendo os sapatos..”(Fonte: Texto produzido por escolar, ano 2015)

Agora sim o Ubirajara soube criar seu reconto. E ao analisar verificamos que ele usou uma das ideias faladas (vendedor de sapatos), e o mais interessante que soube travar um diálogo com outro conto, Aladin e a lâmpada mágica, levando o leitor a lembrar das aventuras de Aladine os desejos que o gênio da lâmpada realizava. De acordo Koch & Elias (2011), o conhecimento de mundo ou o conhecimento enciclopédico refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo, bem como tudo adquirido durante nossa vida, para as autoras são eles que permitem a produção de sentido. Quanto ao trecho abaixo resolvemos destaca-lo porque nos ativou outro tipo de lembrança, o final dos contos de fadas “Felizes para sempre”, Ubirajara mesmo distantes das atividades estava com os ouvidos atentos e esperando talvez uma oportunidade para mostrar todo seu potencial, além disso, percebemos também que há outro texto implícito, o do aluno com seu desejo de mudar sua realidade como podemos confirmar quando Ubirajara discorre “Quando entrou na loja gostou muito do tênis da nike e esse dia nunca mais tirou o tênis das patas. O gatinho ficou muito rico vendendo os sapatos”. Ele assim como os outros alunos tem conhecimento da estrutura de uma narrativa em prosa, pois o seu texto também foi organizado em parágrafos. Do ponto de vista sintático a criança apresenta uma noção muito boa de texto, escrevendo de forma coerente e coesa, embora o texto apresente alguns desvios do ponto de vista da norma padrão de ensino da língua.

6.1.4 Produção IV -Iracema¹⁹

A menina da caverna

Em uma cidade muito grande e bonita havia uma garota chamada Rapunzel, que não morava com sua mãe biodologica, pois uma velha mulher e má achou a menina perto de uma ponte e a pegou, logo que a velha saiu cantado e os belos e grandes cabelos da menina brilhou, a velha mulher começou a ficar nova, e assim percebeu que a menina podia mantela sempre nova e bonita. Dai por diante a velha trancou a menina em uma caverna cheia de labaralitos poisso a bruxa sabia como entrar e sair, mas a prisão so durou durante 17 anos , pois um belo dia um príncipe cavalgava perto daquela caverna , e logo ver a caverna curioso entrou , e viu aqueles labiritos , mas resolveu entrar num deles , indo um pouco adiante ouviu uma bela voz que cantava suavemente , e o belo príncipe logo começou a seguir a voz, depois de caminhar bastante encontrou a linda menina , e correu ao seu encontro ,

¹⁹ Significa: “lábios de mel”, “a saída do mel”

mais logo a velha bruxa chegou e cegou os dois olhos do príncipe e a amarrou em uma cadeira, com os longos cabelos de Rapunzel, mas logo Rapunzel começou a cantar e seu cabelo começou a brilhar e uma parte de seu cabelo estava amarrado sobre os olhos do belo príncipe e com o brilho do cabelo da Cinderela os olhos do príncipe foi curado e logo a Cinderela desamarrou o príncipe e fugiu para o castelo que o belo príncipe morava e Rapunzel descobriu que era filha de um rei, e logo eles se casaram e viveram felizes para sempre. (Fonte: Texto produzido por escolar, ano 2015)

O quadro abaixo mostra os personagens encontrados na produção de Iracema

Rapunzel (conto clássico)

A menina da caverna (reconto)

Casa simples	Uma caverna e o labirinto, castelo
Homem (pai) e uma Mulher grávida	Príncipe
Uma bruxa, desejo de comer uma fruta	Uma velha (a bruxa)
Rapunzel com suas tranças	Rapunzel ou Cinderela com suas tranças

Fonte: Pesquisa direta, 2015

O reconto da aluna Iracema superou nossas expectativas, pois, apresentou o início, o meio e o fim bem mais desenvolvido que os demais, o que ela não soube foi organizar sua narrativa em parágrafos como os demais fizeram. Do ponto de vista sintático Iracema apresenta uma noção muito boa de texto, escrevendo de forma coerente e coesa, embora o texto apresente desvios do ponto de vista da norma padrão de ensino da língua, assim como todos os outros. Iracema é uma aluna que na sua cabeça suas ideias estão bem organizadas faltando somente organizá-las na escrita.

Observamos que a respectiva aluna soube recontar, isto é, contar de forma semelhante ao texto original. Além disso, criou um título interessante que possibilitou ao leitor realizar várias inferências antes de iniciar a leitura, uma busca pelos conhecimentos preditivos. A construção de sentido segundo as concepções de Koch e Elias (2011) “é fruto das estratégias elaboradas por cada leitor, que inicia sua atividade focalizando o título do texto”. Para as autoras as inferências são estratégias sociocognitivas “por meio das quais se realiza o processamento textual mobilizando vários tipos de conhecimento que temos armazenado na memória” (Koch e Elias, 2011, p.39), ou seja, as estratégias, inferências, antecipações hipóteses, são os mecanismos que ativam o conhecimento armazenado na

memória, esse conhecimento é o resultado das experiências vividas em casa, com os amigos, em outros locais públicos ou privados, etc, são elasque permitem ao leitor antecipar o que acha que vai ser contado na narrativa, no caso do reconto “A menina na caverna”, podemos inferir que a menina morava em uma caverna ou que a menina vivia presa na caverna, são hipóteses que podem ser confirmadas ou negadas.

Além disso, o reconto apresentou palavras-chave que ao ler nos remeteu a outros textos, por exemplo, ao desenho, “Enrolados” reconto de Rapunzel, o que para Koch & Elias (2011), essa estratégias utilizada pelo produtor do texto é nomeada de intertextualidade, isto é, ocorre quando um texto está inserido em outro texto, criando um intertexto, anteriormente produzido, que faz parte da memóriasocial de uma coletividade (Koch e Elias, 2011, p.86).

Sendo assim, as análises nos mostraram que o conto e o reconto são excelentes gêneros para ser trabalhados em sala de aula, pois tanto o estudo de sua forma quanto a sua função contribuíram para que os alunos do 8º ano mudassem o olhar acerca da leitura e produção escrita. Em cada reconto não procuramos mostrar os erros ortograficos, pois eles seriam trabalhados com o tempo e sim os avanços, as mudanças, pois essas produções são frutos de alunos que diziam inicialmente que não gostam de ler ou escrever, pois o nosso objetivo não era uma leitura e escrita mecânica, mas uma produção textual, na qual pudessem mostrar todo o seu conhecimento de mundo. O que foi complicado, pois, apresentavam muita resistência durante as atividades. Dessa forma, vemos o resultado positivo das oficinas nas produções dos alunos. Já que agimos segundo os PCN’s (1998, p. 56) quando discorre que “é preciso agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender”, ou seja, agimos como se os alunos fossem leitores e escritores competentes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, finalizamos, ressaltando que as oficinas organizadas pelos bolsistas do projeto PIBID, reaproximaram os alunos da produção escrita, de forma descontraída e sem imposição de uma escrita correta, pois esse é o grande medo dos alunos na hora da produção escrita. Ao recontar o aluno compreendeu que é necessário adotar algumas estratégias para conhecer todas as características do gênero estudado e, sobretudo lembrar de outros contos, para que assim não tenha dificuldades de produzir um reconto. Koch & Elias explicam que lembrar é o mesmo que ativar todo o conhecimento enciclopédico armazenado na memória. Então, além de trabalhar o conto para incentivar os alunos a produzir recontos, as oficinas também tiveram como foco mostrar que a leitura é crucial para o desenvolvimento da escrita, sem ela os diálogos com outros textos, como foi possível notar em alguns recontos, não seria possível.

A leitura e a escrita são ferramentas fundamentais na vida em sociedade, por isso, que é importante trabalhá-las por meio do gênero textual, assim os alunos exercitam a leitura, produzem mais textos e se apropriam de outros gêneros. O conto e o reconto são gêneros curtos que possibilitam ao aluno a atividade de revisar e reescrever seu texto quantas vezes forem necessária, além disso, apresentam uma quantidade mínima de personagem, poucas ações, um clímax e um só desfecho, foi por apresentar tais características que levamos o conto e o reconto para sala de aula, pois como foram notados nas análises, os alunos conhecem os recontos, no entanto dizem que desconhecem porque às vezes é trabalhado no livro didático ou pelo professor de forma rápida, sem ser contextualizado.

Durante o desenvolvimento da atividade percebemos que alguns alunos mostraram-se um pouco resistente, não querendo participar, outros dizendo que não gostam de ler, diante disso, tivemos que melhorar ainda a forma de apresentar o gênero em estudo, foi então que nos veio a ideia de assistir juntos com os alunos um conto e um reconto, a fim de gerar algumas discussões, conhecer o que pensam os alunos acerca dos contos de fadas, o que lhes chamam mais atenção na estória, entre outros, essa estratégia foi importante no processo de aprendizagem, logo percebemos um envolvimento maior dos alunos na atividade, e sobretudo o despertar da criatividade.

Dessa forma, ao analisar os recontos produzidos pelos alunos, percebemos que é possível construir o sentido do texto, logo o aluno esforçou-se em recontar uma história semelhante ao conto base, apresentou palavras chaves que permitem ao leitor ativar o conhecimento de mundo e associar com outros contos. Quanto alguns erros gramaticais ressaltamos que esta pesquisa não pretende analisa-los e sim o sentido do texto, porém durante as oficinas alertamos aos alunos sobre isso. Essas análises nos permitiram concluir que essas oficinas mudam a rotina da sala de aula, despertou nos alunos o gosto pela leitura/escrita, e principalmente ajudaram no desenvolvimento social, cognitivo e linguístico dos alunos.

Sugerimos, então, que as escolas do Município de São Bernardo abram mais espaço para essas intervenções, formando uma parceria em prol de uma educação de qualidade, que beneficie alunos, professores e futuros profissionais da educação, bolsistas do PIBID, que muito absorvem com essas experiências. Esperamos que este trabalho tenha alcançado seu objetivo que foi refletir acerca das produções textuais, especificando o gênero “reconto” como estratégia para o aperfeiçoamento da leitura e escrita a partir das práticas docentes desenvolvidas no âmbito do subprojeto PIBID, que possa contribuir cientificamente para novas pesquisas.

8 REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. Prefácio, In: Vera Teixeira de Aguiar, Alice Áurea Penteadó Martha (organizadoras). **Conto e Reconto: das fontes a invenção**. São Paulo: Cultura Acadêmica 2012. p. 7-12.
- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. Hucitec: São Paulo, 1997.
- _____. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais : Linguagem, Códigos e sua Tecnologias**.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Parâmetros Curriculares para o ensino Médio**. Linguagens e Códigos e suas Tecnologias. Brasília: 2000.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. São Paulo: Perspectiva, 2006,
- EVANGESLISTA, A. A. M. **Professor leitor , aluno - autor : reflexões sobre a avaliação do texto escolar** , Belo Horizonte : Formato Ceale , 1998 .
- GERALDI, João Wanderley. **O texto em sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.
- ESCRITA EGÍPCIA**. Disponível em: <http://www.todamateria.com.br/civilizacao-egipcia/>. Acesso em: 19/04/2016
- ESCRITA IDEOGRÁFICA DA MESOPOTÂMIA**. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25247>. Acessado em 19/04/2016.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan Frantz. O Ensino de Literatura nas series iniciais. Ijuí. Ed. Unijui, 2001
- KOCH, Ingedore Vilaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Série Educação em Ação. São Paulo: Ática, 1993.
- MACHADO, Ana Maria. **Textuais: sobre a leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2001.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Florêncio, **O Ensino da literaturatura na perspectiva dos gêneros literários :Uma proposta de trabalho.** Disponível em :<btd.biblioteca.ufpb.br/tde busca /arquivo.php?codArquivo=1132>Acesso em 04 de novembro de 2015.

PINTURA RUPESTRE. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=imagem+das+pinturas+rupestres>>Acesso em 14 de dez. de 2015.

SCHNEUWLY, Bernad e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Ivana Maria Martins. **Literatura em sala de aula:** da teoria a prática escolar. Recife: Programa de Pós – Graduação da UFPE, 2005.

ANEXOS

TEXTO 1. THAYNARA

A Bela adormecida

Há muitos anos atrás, vivia um rei
 e uma rainha que todos os dias diziam:
 "Ah, se nos tivéssemos uma criança!!"
 e nunca conseguiam uma. Até aconteceu
 que uma vez em que eles estavam senta-
 dos na Beira da praia, uma fada
 madrinha chegou e disse "vós teriam
 duas filhas gêmeas" a rainha emocionada
 falou "meu rei, vamos fazer essas gêmeas
 e agora" e ^{por causa} uma noite de amor.
 Nasceu duas lindas meninas uma se
 chamava cristal e a outra se chamava
 abundância, cristal era uma menina muito
 linda por um seu único defeito ~~era~~ que ela
 dormia muito, abundância era uma menina
 maldade que tinha muita inveja de sua irmã.
 Ela achava que cristal era mais linda e desejada
 por todos do reino.

Um certo dia seu pai resolveu fazer uma
 festa em homenagem a suas filhas "Acho que
 vou fazer uma linda festa em homenagem
 a minhas lindas filhas" a festa foi celebrada
 com toda a pompa, o cozinheiro que tinha
 um cachorro em que a rainha amava
 disse "rainha que pena, que só temos
 09 táscaras de ouro" e a rainha disse "mais
 não Brucas" na hora da festa todas as Brucas
 compararam, menos uma que não foi convidada
 por que só tinha 09 táscaras de ouro.

/
 um reino muito lindo
 que tinha

1 / 1
 na hora em que as Bruças foram intrigar
 os presentes para as princesas. Algo acontece
 a Bruça maliciosa entrou imediatamente na
 festa e falou: "As duas princesas iram dormir
 durante 100 anos ao término de falar
 as brucas se juntam para tentar diminuir
 os anos mais não conseguiram. Assim
 que a festa acabou e todos foram embora
 cristal e sua irmã e todos do reino
 adormeceram e dormiram um sono profundo."

A rainha e o rei os cavalos no
 estábulo, os cachorros no pátio, as pombas
 no telhado as moças nas paredes e até
 os sapatos que gritavam gru gru gru
 adormeceram e o vento assintiu-se. As arvores
 e espinhos cresceram ao redor do castelo for-
 mando um muro alto de espinhos, a terra
 das vilas adormecidas foi se espalhando
 pelo país, por isso a vila chamada a princesa,
 de modo que de tempos em tempos chegavam
 príncipes que tentavam penetrar no castelo
 através de arco vilas, mas nenhum deles
 conseguiu, pois os espinhos estavam tão entre-
 lacados como se fossem mãos, e os jovens
 ficavam presos nelas e não conseguiram se
 soltar, sofrendo uma morte lastimável.

Mas ao chegar aos 100 anos um
 príncipe chegou ao muro e disse "O que será
 que tem atrás desse muro de espinhos?"

O príncipe arriscou sua vida e conseguiu pular o muro, ao pular o muro as muralhas se abriram formando um caminho até o castelo. Ao entrar no castelo o príncipe percebeu que todo o corte estava demorando a milhares de anos e para tudo voltar ao normal o príncipe teria que matar a bruxa malvada e isso não seria fácil assim.

O príncipe travou uma briga com a malvada que acabou morrendo.

Assim o reino inteiro voltou ao normal o rei e a rainha se acordaram os cavaleiros nos estabulos e as princesas também. O príncipe se casou com as duas princesas.

E viveram felizes para sempre

TEXTO 2. NINA

O sapo e a princesa

Uma vez uma princesa
que gostava muito de brincar no
jardim.

Houve um dia que ela ouviu um
barulho estranho nas plantas e curiosa
foi lá verificar.

Quando ela viu era um sapo
E deu um beijo no sapo. Ela disse
você é lindo!

Em seguida ele virou um lindo
príncipe

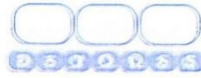
O príncipe ficou ainda mais apaixo-
nado

o pela princesa e perguntou

- Você aceita casar comigo

a princesa respondeu que sim,
as duas foram no castelo do príncipe
onde foram felizes para sempre

TEXTO 3. UBIRAJARA



O gato de Ferris de Mike

Um roseiro que tinha três filhos, chamou-lhes para repartir seus bens na beira da morte. Seu primeiro bem deu ao primogênito o milho. Ao segundo deu um burro e o Atôm deu um gato. Atôm ficou muito triste por ter recebido um gato mas o gato lhe disse Atôm me compra um Ferris de Mike e uma paula, e eu lhe provarei que sou mais útil que um minhho e um burro. E Atôm prision e decidiu comprar um Ferris de Mike e uma paula para o seu gato e calçou o Ferris de Mike e botou a paula no ombro e foi para uma fazenda e lá havia muitas galinhas e o gato subiu a paula e matou uma porção de minhho e foi se esconde e as galinhas pelo cor do milho e da fumaça foram para a paula e o gato pegou as galinhas e levou a Atôm dizendo lhe simlho o moço ferge de farbas mandou que lhe entregasse estas galinhas sera um prato delicioso e atôm disse que bom gato muito de galinha mas o milho cozinheiro não consegue nunca apanta minhoes galinha minhoes se ferge de farba os minhoes sinceros apantaminto no dia seguinte o gato apantou duas predisis e levou deji



como presente de porco de porco o rei ficou tão contente que mandou logo preparar a sua carruagem e acompanhada pela princesa pela sua filha e foi para casa da nobre sultã que o gato foi logo ter com amo.

- Um dia um dia que te vou indicar um lugar no rio onde poderei fazer um bom barabo o gato conduziu-o a um ponto por onde devia passar a carruagem real disse-lhe que esmagasse a roupa debaixo de uma pedra e fosse para a água abaixo o moço da desparecer no rio quando chegaram o rei e a princesa.

- Socorro, socorro! - gritou o bicheiro que aconteceu perguntou o rei e as pedras rolaram a roupa da nobre porca de porcas.

- disse o gato - meu amo está dentro da água e sentia calafrios

o rei mandou imediatamente um servo ao palácio voltaram daí a pouco com um magnífico vestuário feito para o próprio rei quando governa o dano do gato vestiu a filha tão bonita que a princesa sabia que o viu ele se enfeitou

o rei também ficou muito contente o rei disse eu também me assimo fiquei nos meus tempos de moço entretanto o gato não mudou-se no caminho e mandou preparar a mulher e moço



ponto na mesa de melhores vindas que
 havia no salão e quando o rei e a princesa e o
 zorro entraram na sala de jantar e se sentaram
 a mesa tudo estava pronto depois do almoço o rei
 voltou-se para o rapaz e disse porque é tão tímido
 do como eu era nos meus tempos de moço mas
 percebo que gosto muito da princesa Paula assim
 como ela gosta de você por que não pede em
 casamento então o pai pediu a mão da prin-
 cessa Paula em casamento foi um grande
 celebração

o gato assistiu a celebração calçando um novo
 par de ferris de Nike com cordões de ouro e
 preciosas diamantes.

e daí em diante, passaram a viver muito
 felizes e o gato as vezes ainda metia a colher
 das ratas na apuram por divertimento
 porque absolutamente não mais precisava de
 ratos pra matar e comer...

TEXTO 3. UBIRAJARA REESCRITA

O gato de tênis da nika

Foi uma vez um gatinho muito pobre que andava sempre descalço, um dia ele encontrou uma bota feita de pilon muito feia, só que não queria para usá-la e só para ficar olhando. Um dia ele teve uma ideia de fazer outra bota, mais não conseguiu e ficou mais triste ainda.

No outro dia ele achou uma lâmpada mágica e fez um pedido ao gênio e queria uma loja cheia de todo tipo de sapato o gênio realizou o pedido.

Quando entrou na loja gostou muito do tênis da nika esse dia compra mais tirou o tênis das patas. O gatinho ficou muito rico vendendo os sapatos.

TEXTO 4 IRACEMA



Tema: A menina da caverna

Em uma cidade muito grande e bonita havia uma garota chamada Rapunzel, que não morava com sua mãe biológica, pois uma velha mulher má achou a menina perto de uma ponte e a pegou, logo que a velha saiu cantando e os belos e grandes cabelos da menina brilharam, e a velha mulher começou a ficar nova, e assim percebeu que a menina podia mantê-la sempre nova e bonita. Daí por diante a velha trançou a menina em uma velha caverna cheia de labirintos pois só a bruxa sabia como entrar e sair, mas a prisão se durou durante 17 anos, pois um belo dia um príncipe cavalgava perto daquela caverna, e logo ao ver a caverna curioso entrou, e viu labirintos, mas resolveu entrar num deles, indo um pouco adiante ouviu uma bela voz que cantava suavemente, e o belo príncipe logo começou a seguir a voz, depois de caminhar bastante encontrou a linda menina, e correu ao seu encontro, mas logo a velha bruxa chegou e pegou os dois olhos do belo príncipe e a amarraram em uma cadeira,